

## **Circo domado**

**Conrado Augusto Gandara Federici**

Doutorando em Educação – Unicamp

Nos últimos anos, a academia de maneira ampla apropria-se do circo na forma de artigos, dissertações e teses, fóruns e encontros que debatem com status científico esta prática sem dono, fundamentalmente popular, anterior às exageradas e hodiernas fragmentações e comercializações de conhecimentos. O presente ponto de vista destaca relações e influências de práticas sociais da modernidade e do sistema econômico capitalista no espetáculo circense e, mais silenciosa e profundamente, na percepção e sensibilidade do espectador comum.

Duas idas ao circo recentemente motivaram-me às reflexões que se seguem. De fato, os espetáculos circenses que presenciei despertaram-me para questões mais amplas que a própria lona.

No primeiro deles, dito “circo tradicional”, a abordagem daquele ser apenas trajado de palhaço que nos recebe e organiza o estacionamento não ajudou em nada: ignorando-me, vasculhou o carro grosseiramente em busca da criança e, avistando-a, obrigou-a a segurar aquele brinquedo cônico de vareta e palhacinho... Se eu fosse criança e um pouco mais sensível, odiaria palhaços para o resto da vida. O palhaço - reza a tradição - deveria ser o artista mais delicado e experiente do circo, aquele que consegue mais habilmente uma aproximação pessoal com o público e não o guardador de carros. A criança aterrorizada não faz distinção entre um e outro.

As músicas do famoso e industrial “Cirque du Soleil” também não me empolgaram em nada, pois fui assistir ao espetáculo tradicional que, apesar de não ter mais animais, tem, por enquanto, mais pessoas de verdade do que alta tecnologia cênica. As disciplinas do circo tradicional (malabarismo, equilibrismo, ilusionismo, trapezismo, palhaçaria) executadas com o mínimo de recursos externos - como iluminação, artifícios de cenário móvel, efeitos especiais, projeções de vídeo, dentre outros - são incompatíveis com a trilha sonora do “circo novo” (corrente artística de origem francesa surgida em meados da década de 80, que baseava o espetáculo

circense na ausência de animais e na fusão do circo ao teatro, prevendo uma dramaturgia original e renovadora). O apelo a este tipo de música revela, de um lado, a falta de estrutura econômica à execução da música ao vivo e, de outro, à associação direta ao modelo de circo de elite, acessível apenas à classe alta da população. Tal recurso de sobrevivência do circo é a mais ingênua propaganda (não remunerada) de um modelo de sociedade assumidamente cindido e fechado, pois o fator determinante é o poderio financeiro e não a beleza em si do espetáculo.

Os números de fato não foram ruins, mas os artistas não pareciam apaixonados e convencidos do próprio ofício. A persuasão do espetáculo circense não depende da excelência de sua maquinaria, mas da verdade pessoal de seus artistas. Não pude perceber naquelas famílias de circenses o engajamento à singular memória de sua arte.

O barro na saída, que sujou um pouco os tapetes do meu carro recém-lavado, também me incomodou... Não consegui ser arrebatado completamente pela magia do circo, exceto pelo momento em que ao final do espetáculo fiz questão de simples e timidamente pisar com meus próprios pés no picadeiro, lugar incorruptível do fantástico por tradição.

O momento atual de incongruência entre o tradicional e o moderno no circo nacional é patente e novamente revelador de uma ambigüidade que extrapola a lona: artistas por natureza esforçando-se pelo trabalho diário digno, pressionados pela concorrência de um mercado que, se impalpável fisicamente, já está enraizado na percepção popular via meios de comunicação de massa: o novo modelo já foi veiculado na televisão aberta. A frase "o circo está morrendo" é falsa. De fato, ele foi vendido; sem valores, sem contratos e sem conhecimento dos interessados diretos: artistas e platéia.

No segundo tipo de circo a que assisti, de concepção moderna e urbana, carregando alusão direta ao patrocinador no próprio nome, minha 'não surpresa' veio de outras formas. Mais rico e com música original ao vivo, os encadeamentos entre os números eram pensados e até bem executados, mas não houve magia. Enquanto escrevo, penso se é possível e legítimo tentar traduzir esta sensação subjetiva de querer ser tomado pelas expectativas de beleza da memória. Parece-me que sim, pois o que mais me chamou a atenção em todo o espetáculo foi um número que fazia referência direta às famosas "águas dançantes", arte praticamente extinta. Além deste, nada de mais: "street dance" da melhor qualidade e palhaços executando pornografia gratuita em abundância, aliás, como em qualquer programa de televisão

de sábado à tarde. As disciplinas acrobáticas, em estilo “soleil” já foram massificadas há algum tempo e não me provocaram mais.

Será isto? Não tenho mais a capacidade de conviver tranqüilamente com as realidades não assépticas, distantes da minha sala de estar, do meu controle remoto e da minha consciência domesticada? Preciso da novidade também nesta transitória estética do circo?

No entanto, atente-se: uma vez assisti a um excelente palhaço e ele mudou a minha vida, apertei-lhe as mãos e agradei-o com um abraço real! Anos antes, ouvi um flautista magnífico e resolvi ser eu mesmo um flautista. Mas isso já faz algum tempo e a velocidade de transformação da realidade atual assolapa qualquer memória ou esperança. Onde estão os atuais artistas convictos de seu ofício que mudarão as próximas vidas que encontrarem? No circo ainda seria um ótimo lugar.

Hoje, parece-me que a idéia geral de “espetáculo” é quase que completamente intermediada pela tela: televisão, vídeo ou DVD, cinema, internet ou pelos veículos impressos e fotos digitais estáticas e exatas. Publicidade objetiva e fechada. Por isso, a formação de nossa experiência estética está baseada na limpeza, perfeição e exatidão, conseqüência dos inúmeros cortes de imagens, manipulações e truques de estúdio – arte gráfica. No circo, não consegui me relacionar inteiramente com dramaturgias mal finalizadas e com falhas de acabamento ou importadas. Não tive força para combater delicada e poeticamente o sujeito do estacionamento, porque aguardei sem dúvida o corte para a próxima cena, mais prometedora. Não fui capaz de sentir completamente o encadeamento dos números em ritmo real. Fiquei esperando mais, ao invés de fruir o momento presente.

O tradicional circo – no sentido da autenticidade da arte – possibilita-nos as maneiras mais humanas de apreensão da realidade: a noção exata da altura e do risco dos trapezistas e funâmbulos, a atenção e absoluta concentração dos equilibristas e acrobatas, o relaxamento e a permissão do erro dos palhaços que trabalham com a já escassa ingenuidade da infância, enfim, a beleza de seres humanos realizando proezas reais diante de nossos próprios olhos.

Se eu vou ao circo, só posso ter a expectativa de encontrar no artista que me olha diretamente nos olhos as façanhas que eu mesmo ‘quase’ poderia realizar. Aí a humanidade dialoga e a arte acontece de fato.

A lógica do circo é histórica e essencialmente bela. Lá, a linguagem da emoção deveria ser esboçada sem intermediários, como em outros 'espetáculos'. No circo somos espectadores ativos.

Preocupe-me com os óbvios sinais de uma tirania econômica presente nos apelos artísticos, como na música, na dança e na acrobacia por exemplo. De fato, preocupe-me ainda mais com a tirania simbólica já arraigada na minha percepção do espetáculo.

A academia tem tratado desta interferência mercadológica na estética do espetáculo circense? Como posso preferir as confortáveis manifestações de 'segunda mão', como o CD ou o DVD ao espetáculo ao vivo? Estas escolhas não comprovam minha crescente incapacidade de lidar com o ser humano e com o mundo incontrolláveis ao meu redor? Ao menos o circo não pode ser domado...